

## Resenha

### **PACHUKANIS, Evguiéni B. *Fascismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.**

Sergio Schargel

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Na profusão de obras sobre fascismo (e conceitos semelhantes) que se sucederam com a recessão democrática global, é até estranho que marxistas clássicos que escreveram sobre o tema, como Palmiro Togliatti, autor de *Lições sobre o fascismo* (1978), não tenham sido reeditados no Brasil. A Boitempo supre, parcialmente, essa lacuna ao publicar em 2020 uma coletânea de ensaios do jurista soviético Evguiéni B. Pachukanis. Pachukanis, membro dos Bolcheviques, foi um dos mais importantes juristas marxistas, autor de *A teoria geral do direito e o marxismo* (2017). Apesar de acenar para os preceitos stalinistas em algumas de suas obras e inclusive contradizer alguns de seus próprios argumentos conforme a violência stalinista ascendia, o jurista acabou sendo executado em 1937, acusado, pelo regime, de conspiração. Sua obra foi reeditada e reabilitada posteriormente, quando da morte de Stálin. Com o nome mais simples possível, *Fascismo*, os ensaios de Pachukanis interessam por trazer uma perspectiva distinta do que se tem produzido no contemporâneo, seja em *Fascismo: um alerta*, de Madeleine Albright (2018), ou mesmo o já clássico *Anatomia do fascismo*, de Robert Paxton (2007), ainda que, como chave explicativa do fenômeno, seja limitado e incompleto. A capa, sintomática – uma mão esmagando uma cobra com a suástica no lugar de seu olho –, dita o tom panfletário dos ensaios.

A interpretação marxista do fascismo, que tem em Pachukanis (2020, p. 11) um de seus maiores expoentes, é, de certa forma, simples: pensa que o fascismo possui uma relação intrínseca com o capitalismo e seria, na prática, um mecanismo de autodefesa. Nesse sentido, liberais e fascistas não se diferem muito entre si – o segundo uma espécie de radicalização do primeiro. Melhor dizendo, o fascismo seria um mecanismo de defesa de um capitalismo ameaçado por suas contradições e pela profecia do comunismo (Pachukanis, 2020, p. 11). Um último espasmo antes da morte, como um animal atacado que mostra suas garras e dentes.

Naturalmente, percebe-se a primeira deficiência da interpretação: ao menos até 2021, a visão teleológica da história não se profetizou. A cada nova crise, o capitalismo sai fortalecido dentro de suas próprias contradições, como o *crash* econômico de 2008 e a consequente ascensão das políticas de austeridade evidenciam. Mais do que isso, com o esvaziamento global da única alternativa ao capitalismo, as conquistas dos Estados sociais são esvaziadas através da retórica perversa, para usar as ideias de Hirschman (2019), de que direitos sociais, na prática, produzem efeito contrário. Em outras palavras, o capitalismo está mais vivo do que nunca. E a recessão democrática global, com a ascensão de líderes messiânicos autoritários, nacionalistas, reacionários e populistas – e o fascismo é justamente um movimento que mescla simultaneamente esses quatro conceitos anteriores, como apontado por Menezes (2021) – mostra que o fascismo também está tão

vivo quanto. Entrementes, por mais que exista, de fato, uma relação entre crises (econômicas, políticas etc.) e a ascensão do fascismo, somente com o maior dos malabarismos seria possível manter o argumento da ligação entre um capitalismo agonizante e o fascismo.

*Para uma caracterização da ditadura fascista* é o ensaio a abrir o livro. Um ensaio que já começa problemático, aspecto que se repete durante toda a obra. Sem oferecer nenhum dado empírico, Pachukanis (2020, p. 26) sugere que o fascismo seria a ditadura do grande capital, das elites conservadores, e não da pequena burguesia. Uma ideia que não se sustenta, seja à luz dos dados, da História ou mesmo da lógica: Hitler e Mussolini eram incômodos às elites conservadoras. Ainda que se ignore o fato de que o apoio ao fascismo se alastra por todos os setores sociais, inclusive entre o proletariado – algo que Pachukanis finge não ver, essa ideia não se sustenta. Os fascistas foram alçados aos seus postos porque, na prática, persistia um sentimento de que essas elites estavam prensadas em uma escolha muito difícil entre o fascismo e a esquerda. O fascismo chegou ao poder por ser visto como o menor dos males, mas, com seus líderes histriônicos e discursos populistas, não era particularmente confortável à estabilidade do mercado. Como Paxton (2007) mostra, o fascismo depende, inclusive, dessa associação desconfortável com os conservadores e liberais para conseguir ascender ao poder de fato. Em suma, o grande capital tem grande parcela de responsabilidade, mas é simplório tomá-lo por único culpado. E se é verdade que o fascismo depende de todas as classes, também o é que a pequena burguesia é seu maior expoente (Felice, 1976). Não é sem motivo que figuras como Hitler e Mussolini, ou mesmo Bolsonaro, para utilizar um exemplo contemporâneo, advenham dessa pequena burguesia.

Mas, em um vício que começa no primeiro ensaio e se dispersa por todo o livro, Pachukanis (2020, p. 13-15) impõe o equivalente de esquerda do discurso de escolha muito difícil ao tratar liberalismo e fascismo como sinônimos. Ironicamente, ainda que o próprio autor rechace e tome por desprezível a associação que os liberais fazem em tomar como sinônimo fascismo e comunismo, depreende exatamente o mesmo esforço, apenas substituindo um ator pelo outro (Pachukanis, 2020, p. 14-15). Como mostra Paxton (2007, p. 22), na prática autores contemporâneos a Terceira Internacional não buscaram apreender o que o fascismo era em suas potencialidades, mas sim deslocá-lo para uma interpretação conveniente que corroborava com a profecia teleológica: “Mesmo antes de Mussolini ter consolidado por completo seu poder, os marxistas já tinham pronta sua definição para o fascismo, ‘o instrumento da grande burguesia em sua luta contra o proletariado’”.

Por outro lado, Pachukanis (2020, p. 14) é sóbrio ao perceber a grande diferença do fascismo em relação a outras formas de movimentos políticos, como o bonapartismo: seu pilar está na base de massas. Ainda que essa não seja a única característica que o difere, é, sem dúvidas, uma das principais, junto do nacionalismo. Sem base de massas não há fascismo, da mesma forma que não o há sem o mito da nação (ou ao menos algum equivalente). Uma base de massas excitada com a perspectiva de um belicismo inerente. Também é interessante sua percepção de que o fascismo atua “como um Estado dentro do Estado” (Pachukanis, 2020, p. 14 e 16), e por ter percebido, ainda na década de 1920, o que Paxton (2007) ressaltou quase 100 anos depois: o fascismo, a longo prazo, parece insustentável e aparenta sempre caminhar à autodestruição. Também vale destacar que o autor perceba que o fascismo é contraditório porque está em constante evolução, não podendo ser compreendido de forma congelada, mas em permanente mutação (Pachukanis, 2020, p. 27).

O segundo ensaio, *Fascismo*, é, como o nome sugere, uma tentativa de definir o que é o fascismo, uma tentativa tão ecoada posteriormente e, como acontece com Pachukanis (2020, p. 16), tão insuficiente. Pachukanis (2020, p. 16) entende o fascismo como “âncora de salvação dos grandes capitalistas”, uma vez mais insistindo na interpretação de tomá-lo por movimento da alta burguesia. Originalmente um verbete à “*Enciclopédia do Estado e do Direito*”, apesar de simples e limitado por suas curtas cinco páginas, superficial para tratar “grande inovação política do século XX” (Paxton, 2007, p. 13)<sup>1</sup>, *Fascismo* traz alguns pontos pertinentes. Sintetiza a origem, o significado, a aplicação e a ascensão do Fascismo.

Em *A crise do capitalismo e as teorias fascistas de Estado*, Pachukanis (2020, p. 17), uma vez mais como o nome do ensaio indica, retorna à visão teleológica da História ao assumir que as crises cíclicas tornariam o capitalismo insustentável. Assim, o fascismo seria uma maquiagem do capitalismo, uma substituição forçada de um capitalismo que não mais se sustenta (Pachukanis, 2020, p. 18). Apesar do exagero, e a História ter provado que o capitalismo sempre encontra um jeito de sobreviver às suas crises, é preciso elogiar a percepção de Pachukanis (2020, p. 19) quando lembra, astutamente, que o fascismo não modifica as bases econômicas. Talvez por escrever no calor do momento, e cego por sua ideologia política, o autor não tenha percebido que existe uma associação entre fascismo e liberalismo sim, mas não tão descarada quanto ele sugere.

O fascismo surge do amálgama do liberalismo com a democracia de massas, não como um projeto calculado maquiavelmente, mas como um *doppelgänger*, um duplo que se origina para eliminar a sua fonte. Não é sem motivo que o fascismo seja antiliberal, um detalhe crucial que o autor ignora. Contudo, ser antiliberal não significa ser anticapitalista. O fascismo enxergava no liberalismo um materialismo degenerado, uma forma apática de política que não se baseava na paixão de e para a nação, razão, inclusive, pela qual aplica a circulação das elites da qual fala Pareto (2014) – a substituição forçada de uma elite vista como degenerada por uma nova. Entretanto, nunca se propôs a alterar as estruturas econômicas, que se mantêm capitalistas e exploratórias. Ironicamente, Pachukanis (2020, p. 28) traz mais de uma passagem que evidencia o fascismo como explicitamente antiliberal, como quando Mussolini defende que seu movimento é uma batalha permanente contra os ideais de 1789.

Mas o ensaio mais problemático é, sem dúvidas, o último: *Como os sociais-fascistas falsificaram os soviéticos na Alemanha*. Nele, Pachukanis (2020, p. 17) não disfarça o panfletarismo e ataca virulentamente os sociais-democratas alemães. Deslocando toda sorte de epítetos a eles – sociais-fascistas, sociais-chauvinistas, sociais-traidores –, o jurista soviético empreende a gênese da banalização do conceito de fascismo. Não obstante aos pontos anteriores insuficientes de sua interpretação – a visão teleológica da história, tomar o fascismo como sinônimo de liberalismo, entre outros – o malabarismo para incluir liberais, sociais-democratas e fascistas no mesmo balaio acaba por esvaziar não apenas o conceito de fascismo, mas também os argumentos do autor, um argumento compartilhado por Stálin. Supostamente sociais-fascistas porque os sociais-democratas alemães reprimiram a revolução espartaquista, na prática exagerando a força do movimento de Rosa Luxemburgo (Pachukanis, 2020, p. 89). Uma vez mais, o olhar retroativo à História revela a ironia e a insuficiência do argumento de “sociais-fascistas”, em particular no trecho em que Pachukanis afirma que

---

<sup>1</sup>Pachukanis (2020, p. 66) rejeita até a ideia de que o fascismo seria um fenômeno inédito. Não seria, para ele, mais do que uma configuração de autoritarismo burguês como tantos outros.

a fim de conservar e se utilizar dos métodos do fascismo e do social-fascismo, a burguesia opera manobras com a ajuda dessas duas brigadas fundamentais, as quais se completam e se continuam. O camarada Stálin disse que a social-democracia é a ala moderada do fascismo, que o êxito do fascismo está ligado ao trabalho da social-democracia, que a socialdemocracia mantém determinadas posições para apoiar a ofensiva de combate aberto contra a classe trabalhadora, que conduz o fascismo. Nessa situação, o fator subjetivo é a nossa luta, a luta do proletariado é decisiva. Nessa luta, é importante desmascará-los, é importante golpear ideologicamente os dois pilares nos quais, agora, se apoia o domínio do capital [...] todo o curso concreto da luta política nos últimos tempos mostra que a fronteira entre a democracia burguesa e o fascismo está se tornando cada vez menos perceptível (Pachukanis, 2020, p. 67-68).

Pachukanis encarna o argumento de Jeanne Marie Gagnebin (1993, p. 17), quando este afirma que “Os dois partidos de esquerda foram, portanto, incapazes de se opor eficazmente à ascensão do fascismo; mais que isso, cada um deles tendia a considerar o outro como seu principal inimigo, e assim a recusar a unidade de ação na luta antifascista”. A despeito da cota de pecados da social-democracia alemã, rotulá-la como fascismo moderado, apenas fortalece o fascismo em si e o despreparo para lutar contra ele. A esquerda, presa em seu cristal de arrogância, estava tão preocupada brigando dentro de si que percebeu tarde demais a ameaça do nazifascismo.

“*Fascismo*” é um livro com público bem definido: marxistas, ou aqueles que pesquisam o fascismo e, portanto, precisam se familiarizar com suas diversas interpretações. Para o público leigo, há obras mais ricas, como o já mencionado “*Anatomia do fascismo*”. Ainda que, naturalmente, a interpretação marxista do fascismo absorva diferentes vieses – a visão de Gramsci difere da de Pachukanis, por exemplo – a síntese da teoria pode ser encontrada em “*Fascismo*”. Com alguns pontos interessantes, mas perceptíveis deficiências e traços propagandísticos, os ensaios não envelheceram bem. E, a despeito da necessidade de uma publicação marxista sobre o tema, não é uma nova edição que irá revivê-los.

## Referências

ALBRIGHT, Madeleine. *Fascismo: um alerta*. São Paulo: Planeta, 2018.

FELICE, Renzo de. *Explicar o fascismo*. Lisboa: Edições 70, 1976.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: os cacós da História*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

HIRSCHMAN, Albert O. *A retórica da intransigência: perversidade, futilidade e ameaça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

- MENEZES, Sergio Schargel Maia de. *O Ur-Fascismo ontem e hoje: aparições literárias de uma metodologia de poder*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: [https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1912329\\_2021\\_completo.pdf](https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1912329_2021_completo.pdf). Acesso em: 12 mai. 2021.
- PACHUKANIS, Evguiéni. *Teoria geral do direito e marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- PARETO, Vilfredo. *Manual of political economy*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- TOGLIATTI, Palmiro. *Lições sobre o fascismo*. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1978.

*Resenha recebida em: Agosto/2021*

*Aprovada em: Outubro/2021*

**Sergio Schargel** ([sergioschargel\\_maia@hotmail.com](mailto:sergioschargel_maia@hotmail.com)) é Doutorando em Comunicação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.